

HISTÓRIA SOCIAL DO FALAR CONQUISTENSE

Kércia Rosario Fiuza Oliveira¹, Elisângela Gonçalves²

1. Estudante de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB -
* kercia_rosario@hotmail.com
2. Pesquisadora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo:

Nesta pesquisa, estudamos a formação do município de Vitória da Conquista, Bahia, de modo a compreendermos a constituição do falar conquistense. Nesse sentido, fundamentados na Linguística Histórica (sócio-história) (MATTOS E SILVA, 2008), estabelecemos um paralelo entre a análise do dialeto conquistense e as que foram desenvolvidas por Callou & Avelar (2002) sobre o dialeto carioca e por Bismark Lopes & Carvalho (2016) sobre o falar soteropolitano, ambas focalizando as últimas décadas do século XIX. Assim, constatamos que, (i) por um lado, no Rio de Janeiro e em Salvador, é notória a distinção nos falares de seus habitantes em função da região em que moram – o que se deve, entre outras coisas, à presença maciça de imigrantes e ao processo de mobilidade social; e que, (ii) por outro lado, em Vitória da Conquista, que não contou com esses fatores no período de sua constituição, não se percebe variação na linguagem de seus habitantes decorrente da região da cidade em que vivem.

Autorização legal: Autorização do Comitês de Ética em Pesquisa, com parecer nº 516.902, datado de 28/01/2014.

Palavras-chave: Falar conquistense; Formação do município de Vitória da Conquista; Linguística Histórica lato *sensu*.

Apoio financeiro: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UESB.

Introdução:

Em sua obra, denominada *Orientações atuais da Linguística brasileira*, a pesquisadora Mattos e Silva (1999) aponta que só vamos compreender o linguajar de um povo se compreendermos primariamente a sua formação histórica, o que compreende sua economia,

demografia, sua formação social, o processo de escolarização, entre outros aspectos.

Uma questão interessante se coloca para um país como o Brasil, que possui uma vasta extensão territorial, com regiões marcadas por populações bem diversificadas em diferentes aspectos, conseqüentemente, cuja língua é determinada pela heterogeneidade: Como caracterizar o português aqui falado? Logicamente, não se pode pensar em uma variedade única empregada por esse povo, daí que, para conhecer o português brasileiro (PB), é preciso conhecer as variedades dessa língua empregadas nos diversos cantos do país.

Por muito tempo, o que se tomou como português brasileiro foi a variedade empregada na região sudoeste, de onde provieram os primeiros estudos linguísticos sobre os dialetos paulista e carioca, na linha da Dialetoлогия (cf. NASCENTES, 1922; AMARAL, 1920) e da Sociolinguística, na vertente laboviana, a exemplo do projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), pioneiro no Brasil.

Seguindo a linha da Sócio-história, desenvolvemos uma análise sobre a formação do dialeto falado na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, durante a formação do Sertão da Ressaca (como era conhecido esse território no período de sua colonização), analisando fatores sócio-econômicos, políticos, mobilidade social, entre outros, assim como o fizeram Callou & Avelar (2002) e Bismark Lopes e Carvalho (2016) para os dialetos carioca e soteropolitano, respectivamente.

Diante do exposto, consideramos este um trabalho de extrema significação, pois, por meio dele, estamos contribuindo para a compreensão da formação sócio-histórica do português brasileiro, tarefa a que tantos outros grandes estudiosos e pesquisadores brasileiros já se empenharam, como Serafim da Silva Neto (1950), Antônio Houaiss (1985), Mattos e Silva (1999).

Metodologia:

Conforme já mencionado ao longo deste resumo, os pressupostos metodológicos adotados nesta pesquisa provêm da Linguística Histórica *lato sensu*. Dentro do que se tem realizado nesta área, adotamos a proposta de Castilho (2001, p. 341) de que a mudança gramatical é motivada por contatos intralinguísticos, aqueles que envolvem falantes de diferentes regiões do país, da zona rural vs. urbana, falantes analfabetos de uma mesma variedade geográfica, por exemplo, e interlinguísticos – em se tratando da formação do português brasileiro, o contato entre portugueses, indígenas e africanos. É essa ideia que o autor assume para a configuração do falar carioca, que foi condicionada pela situação de contato intralinguístico:

[...] situações de contacto intralinguístico caracterizam o ponto máximo da proximidade discursiva, não impeditiva da interação. Alterações demográficas decorrentes de migrações internas levam falantes de variedades sócio-culturais e de variedades geográficas da mesma língua a interagir no mesmo espaço. Discretas adaptações têm lugar, vencendo a variedade de maior prestígio.

Na interpretação da história social da língua, pesquisadores do português brasileiro têm levado em consideração questões como mobilidade social, processo de escolarização, imigração portuguesa e africana, migração de brasileiros de uma região para outra etc.

Na presente pesquisa, estudamos a presença/ausência estrangeira e de migrantes de outras partes do país e o processo de mobilidade social como fatores fundamentais na constituição do falar conquistense. Para verificarmos tais fatores, realizamos pesquisa bibliográfica sobre a formação do município de Vitória da Conquista, a partir do que se tem documentado sobre a formação do Sertão da Ressaca, buscando informações em livros, periódicos, mapas, manuscritos, conversas com moradores locais. Ainda, recorreremos a bibliotecas, museus, ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, bem como a meios eletrônicos.

Resultados e Discussão:

Nesta pesquisa, tomamos como norte dois importantes trabalhos em sócio-história: o

de Callou & Avelar (2002) sobre o falar carioca; o de Bismark Lopes & Carvalho (2016) sobre o falar soteropolitano. Estabelecemos um contraponto entre os resultados obtidos nessas pesquisas e o que verificamos quanto à formação sócio-histórica da variedade falada em Vitória da Conquista, chegando às conclusões apresentadas a seguir.

A cidade do Rio de Janeiro é caracterizada pela variação dialetal da população de acordo com a região em que reside – a Zona Sul é a que possui um falar de maior prestígio, devido à presença das classes mais favorecidas, influenciadas pela migração dos portugueses, inclusive da corte, para essa parte da cidade. Nas demais zonas, propagaram-se três falares: (i) um mais popular, assinalado pelas classes menos favorecidas que habitavam o centro; (ii) um falar rural das freguesias localizadas nas partes mais periféricas (isto é, afastadas do centro); (iii) um falar decorrente da união dos falares de comunidades rurais e centrais (CALLOU; AVELAR, 2002).

Salvador é historicamente marcada pela presença de portugueses de diferentes regiões de Portugal, de um grande contingente de africanos, e, após a abolição, pela vinda de imigrantes para suprir o trabalho que era feito pelos escravos. Todo esse processo se refletiu em alguns bairros da cidade, como (i) *Liberdade* – o maior bairro negro do mundo fora da África, para onde libertos e ex-escravos se dirigiram no final do século XIX, após a abolição da escravatura; (ii) *Plataforma*, parte da tradicional zona suburbana da cidade, que concentrava a sua população operária e onde hoje a pesca ocupa um papel importante em algumas áreas; *Itapuã*, um dos mais antigos da orla marítima, tradicionalmente ligado à atividade pesqueira, cuja maioria da população pode ser caracterizada como de baixa renda; *Cajazeiras*, um dos mais populosos da cidade, em decorrência da violenta expansão urbana ocorrida a partir de 1970. O município de *Lauro de Freitas* (bastante marcado pela divisão social) também é analisado por estar incluído na Região Metropolitana de Salvador. Devido à instalação na região de engenhos de açúcar e, conseqüentemente, um grande contingente de africanos, atualmente ainda é considerável o número de afro-descendentes no município. (PROJETO VERTENTES).

A história do município de Vitória da Conquista começa a se contar a partir de 1783 com a presença do bandeirante português João Gonçalves da Costa (um preto-forro, logo, de descendência africana) enviado pela coroa

portuguesa à busca de ouro, para tanto, buscando ligar o interior ao litoral. Registrava-se, nessa época, a presença de fazendeiros (brancos vindos de outras regiões do país, como Pernambuco, Piauí, Minas Gerais...), índios domesticados (que, com o tempo, não são mais verificados na história do município) e escravos – nascidos no Brasil; as primeiras casas (cerca de quarenta) se formaram em torno da igreja matriz; situação que não se alterou até 1820. Com a abertura da mata e escoamento do gado, o arraial começou a sair do isolamento, o que lhe levou à condição de Vila e Freguesia em 1840. O que se depreende da configuração linguística dos habitantes de Vitória da Conquista nesse período é que estes usavam o português como a sua língua de contato, em sua interação.

O que se passou em Vitória da Conquista parece diferir-se do que aconteceu no Rio de Janeiro e em Salvador, sobretudo no que diz respeito à presença escrava, que, por ser reduzida, propiciou uma relação mais próxima entre os escravos e seus senhores, o que nos leva à conclusão de que seu acesso ao português tenha sido maior do que o que ocorrera em outros contextos, em que essa relação era mais distanciada. Soma-se a isso o fato de esses escravos não serem africanos, mas brasileiros, já tendo adquirido o português como segunda língua.

Não se verifica em Vitória da Conquista o fato de grupos distintos - indígenas, ex-escravos, mulheres e homens brancos - se fixando em diferentes pontos do território, o que nos faz concluir que essa é a razão para não ser possível perceber-se, atualmente, a partir do seu falar, de que zona ou bairro do município determinado habitante provém.

Conclusões:

Podemos verificar na análise aqui apresentada que a história social de cidades como Rio de Janeiro e Salvador favoreceram a diversidade linguística no interior das mesmas, ao contrário do que se passou em Vitória da Conquista. Através deste estudo, é comprovado que fatores como mobilidade social e contato intra e interlinguísticos são condicionantes para a constituição do falar de um povo.

Referências bibliográficas

AMARAL, A. O Dialeto Caipira. São Paulo: Editora Anhembi, 1920.

BISMARCK LOPES, I. C.; CARVALHO, D. S. Uma proposta de contínuo paramétrico no português: fatos sócio-históricos. Disponível em:

<https://www.academia.edu/25955907/Uma_proposta_de_cont%C3%ADnuo_param%C3%A9trico_no_portugu%C3%AAs_fatos_s%C3%B3cio-hist%C3%B3ricos>. Acesso em: 12 jun. 2016.

CALLOU, D.; AVELAR, J. O. de. Subsídios para uma história do falar carioca : mobilidade social no Rio de Janeiro do século XIX. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. v. IV. Notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro, UFRJ/LETRAS, FAPERJ, 2002.

CASTILHO, A. Para um programa de pesquisas sobre a história social do português de São Paulo. In: MATTOS E SILVA R. V. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Vol. II, tomo 2. São Paulo, USP/Humanitas/FAPESP, 2001, p. 337-369.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1985.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *The Social Stratification of English in New York City*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006 [1966].

MATTOS E SILVA, R. V. Orientações atuais da Linguística Histórica brasileira. *DELTA*, v.15, n. especial, p. 147-166, 1999.

_____. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Camões, 1922.

SILVA NETO, S. S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986 [1950].

LUCCHESI, D. *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*. s/d. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br>. Acesso em: 02 jul. 2015.